

# ATITUDES LINGUÍSTICAS NA ALDEIA DE LAGOINHA: MANTER OU APAGAR A LÍNGUA TERENA

SILVA, Rodnei Eloi da<sup>1</sup>  
SOUZA, Antonio Carlos Santana de<sup>2</sup>

**Resumo** - Realizamos neste estudo uma reflexão acerca de Atitudes Linguísticas na Aldeia de Lagoinha: manter ou apagar a língua terena. O fenômeno está causando uma forte preocupação para a nação Terena, pois, a língua está em perigo de extinção, ao longo do tempo, passa por um processo de variações linguísticas, geográfica e social. E ao ponto de estar em desuso pelos próprios falantes da língua, e cada vez mais, vai crescendo a chance de ser esquecida pelas novas gerações. A causa maior disso é a língua terena ser considerada como uma língua minoritária, desprestigiada pelos próprios terena. Assim, os terena e os não-terena consideram as variações linguísticas ou dialetos regionais de menor prestígio como inferior ou errada. E precisamos nos livrar do mito que diz: que a língua portuguesa é a correta e invariante, e as outras são apenas acidentes. Com este trabalho não pretende encerrar aqui, mas servir de contribuição para novas pesquisas.

**Palavras-chave:** Atitudes Linguísticas, Apagamento, variação, língua terena.

## Introdução

O objetivo deste trabalho visa em analisar a questão da perda e o desuso da língua terena em função do português. Ao longo desta caminhada, percebeu-se a importância admirável ao se manter viva o uso da língua de uma nação, tanto do Terena, quanto de outros povos indígenas existentes. Neste exato momento, os fatos, relatos e análises comprovam a perda e a desvalorização da língua terena em função da língua portuguesa. Assim, a tendência maior resultará futuramente ou daqui alguns anos no apagamento da língua terena seguindo ritmo atual.

A língua é o maior patrimônio de um povo, pois é o fundamento básico da cultura. Pois, a língua se reflete a visão de mundo que esse povo tem. A cultura entre os povos indígenas é passada oralmente para as futuras gerações. Desde a colonização o apagamento das línguas indígenas vem ocorrendo com frequência. A prova disso é o que Rodrigues (2002) trata ao relatar que na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, há mais de quinhentos anos, o número das línguas era o dobro do que é hoje.

---

<sup>1</sup> (PPGLETRAS-UEMS) ney.elo@hotmail.com

<sup>2</sup> acssuems@gmail.com

Ainda, segundo Rodrigues (2002), naturalmente o maior número das línguas indígenas desapareceu nas áreas que foram colonizadas e alguns desses povos perderam sua língua em função do português ou de outra língua indígena. A estimativa da população indígena hoje é de aproximadamente 160.000 que ainda são falantes das 170 línguas remanescentes. Apesar de a maioria dos brasileiros ter nítida impressão de viver em um país multilíngue, em que cerca de 200 línguas são aprendidas pelos brasileiros como língua materna, é o português a majoritária falada por 99,5% da população nacional. Os que falam línguas minoritárias totalizam por volta de 750.000 indivíduos. Desses 300.000 pessoas falam línguas asiáticas, europeias e indígenas.

Do ponto de vista genética, as línguas se agrupam em conjunto de famílias linguísticas e são classificadas por sua origem comum. Aqui abordaremos sobre a língua terena, do subgrupo Guaná, do tronco linguístico Aruak, que está situado no Estado de Mato Grosso do Sul, nos municípios de Aquidauana e Miranda.

O presente trabalho trata do apagamento da língua terena, que está ocorrendo em todas as aldeias terenas de Mato Grosso do Sul.

### **Contextualização**

O tema a ser abordado apresenta a trajetória histórica do povo terena, ao longo dos anos, o povo Terena vem sofrendo pressão da língua dominante e também está passando por um processo brutal de mudanças; pois, os indígenas entendem que a língua portuguesa é uma língua de prestígio e que o terena está sofrendo mudança, porque é próprio das línguas evoluir. A língua terena, com o passar do tempo, vem sofrendo essas mudanças por ser uma língua minoritária; e cada vez mais é sufocada pela língua majoritária que é o português, e a tendência disso é o apagamento da língua indígena. Este também é o caso de muitas outras línguas indígenas no Brasil. Este fato, vem ocorrendo desde a colonização do Brasil pelos portugueses. Portanto as nações indígenas foram forçadas a falar o português, para satisfazer o desejo de conquista pelos europeus aqui chegado. De maneira geral, o europeu desvalorizava a cultura indígena, suas crenças e seus valores e mais que isto, ensinavam os indígenas também a desvalorizar sua cultura, crença e valores e principalmente a língua. Aquelas nações que resistiram eram massacradas e dizimadas e muitos foram forçados a deixarem sua língua como forma de sobrevivência.

Assim, nas últimas décadas, uma quantidade significativa de línguas está sendo extintas ou ficando próximas da extinção. A expectativa para o próximo anos, nas previsões dos

linguistas, há 90% das aproximadas 6.000 línguas ainda existentes deixarão de existir (GARCIA, 2009). Entre as línguas extintas está o terena, falado em Mato Grosso do Sul.

As mudanças vêm gerando o cessar da transmissão e o uso de uma língua para as futuras gerações, estão sendo muito rápidas e tem levado em curto período de tempo à extinção de grande número de línguas indígenas, principalmente. Deste modo, os especialistas têm chamado a atenção para este fenômeno, desde o meado de 1990 (*Idem, Ibidem*), mobilizando a atenção de sociolinguistas do mundo inteiro. Um significativo número de pesquisadores tem investigado as causas da rápida extinção de línguas avaliando as possibilidades deste fato.

### **Breve História do Povo Terena**

Acompanhando o ingresso dos Guaicurus em território brasileiros, várias etnias chaquenhãs, integrantes da família linguística Guaná, filiadas ao tronco Aruak entraram, a partir do século XVIII, em território sul-mato-grossense, entre eles destacam-se os Terena e os Kinikinau, agricultores e excelentes ceramistas. Os terena, em maior número, estabeleceram-se na bacia do rio Miranda, afluentes do Paraguai, em terras não inundáveis tradições guerreiras, embora fossem bem mais susceptíveis do que estes a estabelecer contatos pacíficos com os colonos luso-brasileiros. Em meados do século XIX, já eram intensas suas relações de trocas com a sociedade “branca” envolvente, sendo, inclusive, esses índios são responsáveis pelo abastecimento de gêneros alimentícios para toda região dos municípios de Nioaque, Miranda e Aquidauana.

Ainda hoje, nessas cidades, é muito importante o papel da produção agrícola terena na comercialização a varejo de produtos horti-frutíferos, pois nesses municípios a atividades econômica predomina é, sobretudo, a pecuária. Dividiam-se em dois grupos: o Nâti composto pelo cacique e seus familiares, uma espécie de nobreza, e os Wahere-xané, a camada dos homens comuns. O casamento era realizado entre indivíduos da mesma camada. Os trabalhos domésticos, a confecção de artesanatos de cerâmica, a fiação de algodão e de outras fibras vegetais eram tarefas femininas. Aos homens cabiam a cestaria, a caça e a pesca. Era também os homens que preparavam a terra para o plantio, sendo assim a semeadura tarefa feminina. Cultivava o milho, a mandioca, o fumo, a batata-doce, o algodão e diversos tipos de abóbora, além de coletarem mel e frutos silvestres regionais como pequi. A aldeia terena tradicional era formada por grandes casas comunais, distribuídas regulamente onde viviam em média dez famílias. No início da segunda metade do século XIX, durante a guerra entre Brasil e o Paraguai,

a região pantaneira foi palco de vários episódios bélicos, sendo o mais popularizado a “Retirada da Laguna”. Este conflito colocou os índios Guacuru e os Terena entre os dois fogos inimigos, ocorrendo inclusive a formação de batalhões composto exclusivamente por indígenas terena, os quais lutaram ao lado das tropas do império brasileiro. Em seus contingentes populacionais, pois foram diversas vezes atingidas pelos combates ou pelas enfermidades trazidas pelos exércitos adversários. No final da guerra do Paraguai, o território étnico foi substancialmente loteado entre os combatentes remanescentes da guerra, que permaneceram na região.

Nas últimas décadas do século XIX, a expansão do modelo pecuária pantaneira fez encolher o espaço necessário para a produção do modo de ser do terena tradicional. Encurralados em áreas exíguas, centenas de indígenas foram recrutados para servirem como mão de obra muito barata nas fazendas recém implantadas ou construídas. O governo brasileiro construiu uma estrada de ferro (Ferrovia Noroeste do Brasil) interligando, pela primeira vez por via terrestre, a bacia do rio Paraguai com o Brasil atlântico. Hoje os terena são aproximadamente dezoito mil.

Foi nos anos de 1767 que os espanhóis encontram no Paraguai grande guerreiro das etnias Guaná e Maimba, estes índios roubavam os cavalos dos guerreiros espanhóis e faziam guerras contra exército dos invasores, além de roubarem mulheres e bens de outras tribos. Em 1850 depois de um grande massacre os terena resolveram fugir da perseguição dos Guaná que atravessaram o rio Paraguai para chegar ao lado brasileiro, de uma tribo de três mil indígenas que anos mais tarde chegaram à região de Miranda 40 pessoas. O governo brasileiro através do general Rondon ajudou a assentar em reservas porque os terena haviam lutado na guerra do Paraguai.

Nos anos de 1865 a 1870 ao lado do Brasil, com a criação do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), que hoje a FUNAI, em 1910 o governo favoreceu a sobrevivência de mitos indígenas. Em 1912 chegou Henrique Witten missionário inglês que havia entrado pela região do Paraguai através da Missão Unidas do Interior América do Sul (ISAMUL), ele buscava índio refugiado da guerra do Paraguai que chegou ao Distrito de Taunay. O senhor Henrique morou no vagão da Ferrovia Noroeste do Brasil durante seis meses onde aguardava a permissão do Governo Federal do Brasil cuja sede era no Rio de Janeiro para entrar na reserva. Quando recebeu a permissão, fixou sua residência na Aldeia Bananal onde trabalhou um ano e meio entre os terena, o missionário dava aula de música para as crianças e aproveitava para visitar as famílias e conhecer as pessoas da família.

Em 1940 os missionários fundaram a primeira escola para os indígenas que funcionou durante quatro anos, mas foi fechado pelo inspetor Supervisor Federal que acusou os missionários de obrigarem as crianças a aceitarem o evangelho. 1948 chegaram outros missionários da Missão da América do Sul (SAIN), que se instalaram na aldeia Ipegue onde novamente levantaram uma nova escola que fechada a dez anos depois, a missionária Ida levantou outra escola no Distrito de Taunay em 1954 denominada Escola Evangélica Lourenço Buckman. Em Ipegue ficaram alguns missionários que abriu uma escola na fazenda Esperança que mais tarde abriu uma escola na aldeia Ipegue através da escolarização avançaram rapidamente dentro da sua própria cultura.

A introdução da escola para os povos indígenas é concomitante ao início do processo de colonização do país. Num primeiro momento a escola aparece como instrumento privilegiado para a catequese, depois para formar mão de obra e, por fim, para incorporar os índios definitivamente a Nação como trabalhadores nacionais desprovidos de atributos étnicos ou culturais. A ideia de integração firmou-se na política indigenista brasileira desde o período colonial até o final dos anos 1980.

A política integracionista começava por reconhecer a diversidade das sociedades indígenas que havia no país, mas apontava como ponto de chegada o fim dessa diversidade. Toda diferenciação étnica seria anulada ao se incorporar os índios a sociedade nacional. Ao tornar-se brasileiro, tinham de abandonar sua própria identidade. O direito assegurado as sociedades indígenas, no Brasil, a uma educação escolar diferenciada, específica e bilíngue, a partir da Constituição de 1988, vem sendo regulamentado por meio de vários textos legais, a começar pelo decreto 26/91, que retirou a incumbência exclusiva do órgão indigenista (FUNAI) de conduzir processos de educação escolar nas sociedades indígenas, atribuindo ao MEC a coordenação das ações, e sua execução aos Estados e Municípios.

A portaria Ministerial n559/91 aponta a mudança de paradigma na concepção da educação escolar destinada as comunidades indígenas, quando a educação deixa de ter o caráter integracionista preconizado pelo Estatuto do Índio (Lei n6001/73) e assume o princípio do reconhecimento da diversidade sociocultural e linguística do país e do direito a sua manutenção.

### **Política de Língua Entre os Terena**

A interação dos terena com a sociedade brasileira iniciou-se a partir do século XVIII. Conforme Oliveira (1976), nessa época, juntamente com outros povos do grupo Guaná, os

terena teriam atravessado o rio Paraguai, em massa; estabelecendo entre os rios Miranda e Aquidauana. Vários acontecimentos históricos interferiram, de forma decisiva, na relação do terena com a sociedade brasileira. No entanto, a Guerra do Paraguai foi certamente um desses acontecimentos, já que, nessa ocasião, os terena, junto com outras populações indígenas, foram aliciados pelas autoridades brasileiras para reforçar a defesa das fronteiras do Brasil. Não se sabe ao certo, mas se acredita que, naquela ocasião, os terena passam a ter uma forte influência da língua portuguesa sobre a língua terena. Fato esse que aparece na língua com palavras, tais como:

**[âramena] – arame usado para cercar;**

**[arâmusako] – almoçar;**

**[aramusu] – almoço (hora do almoço);**

**[axúka] – açúcar.**

Não sabemos se antes disso havia outras palavras em terena para expressar situações como essas, mas o que podemos observar é o apagamento dessa língua em função do português. Outrossim, em que os indígenas passam a utilizar palavras do português como se fossem palavras do terena. Juntamente com fato linguístico está inserido a identidade desse povo, que expressam através da língua a identidade branca.

De acordo com a pesquisa de (NINCÃO, 2018) entre os professores terena. Com a reorganização dos povos terena em reservas, no início do século XX, a escola tornou-se uma das principais reivindicações se, feitas através do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), junto ao governo brasileiro. E mais uma vez aparece palavras da língua portuguesa, mascarada de língua terena, tais como:

**[iskólana] – escola;**

**[iskova] – escova**, surgida a partir dos contatos com sociedade regional nacional. Essa demanda também abriu portas para entrada do protestantismo com diferentes projetos de escolarização (CARVALHO, 1995).

Em 1931, o SPI também iniciou suas atividades na aldeia Bananal instalando uma escola, a “Escola General Rondon”, cuja língua de instrução era o português. A partir de então o português torna-se, cada vez mais, língua de prestígio entre os terena.

Com a escola criada pelo SPI na aldeia Bananal, iniciou-se o processo público de escolarização com uma particularidade: o ensino era conduzido em português por professores não indígenas. Esse fato mostra que a escola entre os terena, como também entre outras etnias no Brasil, nasceu em um contexto muito diferente do atual contexto nacional. Aprender

português era uma necessidade vital para o povo e a escola proporcionou isso. Esse processo histórico contribui para o contexto de diglossia entre o povo terena.

### **História da Aldeia de Lagoinha**

A aldeia lagoinha (Kali Lâvona) surgiu e denominou-se assim desde o momento em que o Sr. Guilherme Moreira (Títi) e sua esposa dona Margarida Moreira (Hin'nê) passaram a cultivar essas terras da lavoura. Procedentes de aldeia Bananal, todos os dias vinham para cuidar suas plantações e, como perceberam que ficava longe para ir e vir resolveram fazer uma pequena casa onde pudessem pássaro dia e retornando apenas à tarde pala a aldeia Bananal.

Naquele tempo havia uma família (Cecé) que já fixava residência nestas terras, bem afastada do local que atualmente é o centro da aldeia, e onde está a maior parte da população bem como tudo foi criado e desenvolvido. Foram considerados fundadores, pois já estavam ali. Enquanto o Sr. Guilherme fez sua mudança e veio definitivamente naquela roça, juntamente com a sua esposa e os seus filhos mais velhos, conforme os próprios filhos afirmam, foi em 1956. Em 03 de outubro de 1957 nasceu o filho caçula do casal que, conforme a mãe foi a primeira criança nascida na aldeia lagoinha, o Sr. Emílio Miguel Moreira atualmente pastor da Igreja da Aldeia Lagoinha.

A origem do nome da aldeia Lagoinha (Kali Lâvona) foi homenagem a uma senhora bem idosa que todas as vezes que passavam perto da lagoa ficava admirando-a e citava este nome “Kali Lâvona” quer dizer lagoa pequena. Dona Maria Carolina foi uma pessoa que se destacou para a aldeia, pois a batizou. O fundador oficial é o ancião Guilherme Moreira (in memorian) que se destacou pelo fato de criar o seu filho no caminho de evangelização, o qual saiu para se preparar como pastor em Araçatuba-SP, retornando assim que concluiu o seus estudos, foi consagrado como pastor em 1982, e desde então atua na Igreja Uniedas da Aldeia. Atualmente a aldeia conta com 720 moradores, distribuídos em 170 famílias, conforme os agentes de saúde (FUNASA);

A aldeia possui duas escolas: a Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pr. Reginaldo Miguel – Hoyenó'o e Escola Municipal Indígena Polo Marcolino “Lili”; contem cinco igrejas: Igreja Missão indígena Uniedas, 1ª igreja Batista indígena, Igreja Adventista do sétimo dia, Igreja Unidas indígena Pentecostal do Brasil e Igreja Assembleia de Deus indígena.

A aldeia está localizada a 2Km do Distrito de Taunay, município de Aquidauana-MS, 264Km da capital Campo Grande-MS. A aldeia apresenta características urbanas, as casas de

alvenaria, ruas de chão batido, água encanada, possui uma Borracharia, um posto de saúde, e tem energia elétrica, um campo de futebol, uma quadra de esporte, dois telefone públicos e vários pequenos comércios. A população da aldeia, tem como economia a agricultura para a sobrevivência e algumas saem para vender nas cidades próximos como em Aquidauana, onde há feira indígena e também foi feita uma estátua de mulher indígena homenageando as mulheres indígenas. Alguns moradores são empregados e funcionário da FUNAI, outros na área de Saúde e na educação, e minoria são aposentados, e as outras trabalham como empregada doméstica e a maioria dos homens trabalham na lavoura, tudo isso é para sustentar seus familiares.

A aldeia lagoinha possui o seu cacique, atual é o Sr. Laucídio Marques, o presidente do conselho é o Sr. Lévison Vicente Cabo, e mais de vinte lideranças para comandar a aldeia durante os quatro anos, e é composta de pessoas idosas, jovens, adolescentes e crianças. Na questão da atitude da língua os idosos conservam a língua dos seus antepassados (terena) e falam fluentemente a língua e usam a língua portuguesa para se comunicar com os não-índios. Os jovens falam fluentemente as duas línguas, e os adolescentes na maioria entendem, mas não falam, e isso prova que estão parando de falar a língua materna e dando preferência para a língua portuguesa que é uma língua de prestígio, e as crianças já crescem com preferindo a língua portuguesa, já que os pais não transmitem a língua materna para seus filhos e o desuso está cada vez mais rápido. Outro fator que também acarretou essas mudanças entre os jovens e as crianças na comunidade é a chegada das tecnologias, e as novidades que elas trazem para nós.

### **Língua em Desuso**

A importância do tema sobre a “Atitudes Linguísticas na aldeia de Lagoinha: Manter ou Apagar a língua Terena”, é de suma importância tanto para a comunidade da aldeia lagoinha, pois um povo só é reconhecido enquanto nação, não somente em ter um território demarcado, mas por falar sua própria língua, quando a língua deixa de ser falada o povo deixa de existir e passa apenas a ser mais um brasileiro. O desuso da língua está cada vez presente nas aldeia terena, principalmente na aldeia lagoinha, por vários anos tem passado por mudanças, entre elas a revolução das novas tecnologias, energia elétrica, e etc., vem surgindo com mais forças, e os nosso costume, crença, cultura, tradição e principalmente a língua cada vez esquecido pelos terena, por trás de tudo existe um carga de forte de ideologia e preconceito que foi plantada

desde o início pelos colonizadores e até hoje sofremos as consequência do que foi plantada desde o início.

### **Atitudes Linguística na Aldeia Lagoinha**

Após o estudo soabre Atitudes Linguísticas da língua terena, obteve-se como resultado em grande descaso com esta língua, motivado pela interferência de fatores como pagamento, o que está causando perda da língua. Como tais respostas e acontecimentos, propõe-se que sejam desenvolvidas ações que promovam tanto o aprendizado da língua terena, quanto a cultura e tradições desses povos entre os jovens e crianças, mantendo vivas as novas gerações as raízes ou origem de sua herança. E assim veremos o desenvolvimento do povo ao preservar a língua.

Sugere-se também que seja estabelecida pelo povo, atitudes de preservação e cuidado ao repassar a língua para os seus filhos e netos. Pois, as primeiras atitudes devem partir das lideranças promovendo as heranças culturais e linguísticas do terena perante a sociedade civil sul mato-grossense.

O presente artigo enfoca o tema das atitudes linguísticas em uma pesquisa de campo na comunidade da aldeia lagoinha, a fim de analisar as atitudes linguísticas da comunidade.

O estudo da atitude linguística acompanha a Sociolinguística desde a sua inauguração. Labov, em seu trabalho com os falantes da ilha de Martha's Vineyard (EUA), em 1963, já indicava o papel da atitude dos falantes ao manterem traços linguísticas peculiares da sua língua como uma forma de manutenção da sua identidade ante a invasão de turista na ilha e a conseqüente pressão para mudanças linguísticas (BRAGGIO, 1991). É esse modelo que usaremos para analisar as atitudes linguísticas da aldeia lagoinha, e a mesma linha de pesquisa que foi feita pelo Labov, e o que podemos obter desses resultados é o apagamento cada vez mais crescendo do terena em detrimento com o português. A situação de perda da língua terena demonstra claramente que os terena estão deixando de utilizar a língua ao longo da sua vida. As justificativas indicam um maior uso da língua português por ser uma língua dominante. E a maioria das pessoas compartilha uma atitude negativa em relação a língua terena, introduzida pela sociedade dominante, através da política de linguística oficial estabelecida desde do início da implantação de escola nas aldeias.

Entre as justificativas, além da menor complexidade das línguas minoritárias vinculadas pela ideologia de desdém, fica implícito na análise dos a ausência de motivação suficiente forte que faça com que muitos adquiram e usem a língua terena.

A decisão de não transmitir a língua aos descendentes ocorre a partir de atitudes negativas para com essa língua (GROSJEAN, 1982). Entre as causas, (FISHMAN, 2000) destaca a associação da língua minoritária com o antimoderno, o que não está adequada ou inserida ao contexto social atual, é o que se torna empecilho para a almejada ascensão social.

O fenômeno de pais ajudando seus filhos a serem falantes da língua de prestígio, com intuito de assegurar o monolinguísmo deles, é visível, segundo GROSJEAN (1982) esses fatos é visto como vantagem social, afim de dissociá-lo do estigma social pelos brancos.

(DORIAN, 1998) considera que o descaso dos povos majoritários para com as línguas minoritárias é um instrumento de opressão e, muitos grupos étnicos. Pobres e sem poder, os indígenas, são levados a deixar de transmitir as suas línguas para os seus descendentes.

Observou-se na pesquisa de (GARCIA, 2007), que há um alto índice de gostar de falar a língua portuguesa por parte das crianças, adolescente e jovens, fator esse que aumenta.

### **Considerações Finais**

Na realização deste artigo, norteadas em todo o contexto, o estudo sobre as atitudes linguísticas da aldeia lagoinha: manter ou apagar a língua terena, obteve-se resultados um grande descaso com esta língua motivado pela interferência de vários fatores que causou como o apagamento, o que está causando a perda da língua. São esses os fatores que está causando a perda da língua dentro da aldeia lagoinha: **As Novas Tecnologias, Mestiçagem, as Igrejas têm contribuído muito pouco na parte de preservar a Língua e Cultura, Escolas, Relações – Casamentos Interétnicas, A Extinção dos Idosos falantes da língua terena, falta de interesse dos jovens a aprender a língua terena.**

Como resposta a tais acontecimentos, propõe-se que sejam desenvolvidas ações que promovam tanto a aprendizagem da língua terena quanto a cultura e tradições desse povo entre mais jovens e crianças, mantendo vivas as novas gerações as raízes e origens de sua herança. E assim veremos o desenvolvimento do povo ao preservar a língua.

Sugere-se também que seja estabelecida pelo povo, atitude de preservação e cuidado ao repassar a língua para o seus filhos e netos. Pois, as primeiras atitudes devem partir das lideranças promovendo as heranças culturais e linguísticos do terena perante a sociedade civil sul mato-grossense.

Esse trabalho não pretende se encerrar aqui, mas servir de contribuição para novas pesquisas da língua terena. E também levantar trabalhos específicos nas aldeias, como questionários para realização das pesquisas nos primeiros meses.

Análises dos dados para a escrita dos resultados obtidos durante seis meses. Pretendo realizar esse trabalho com os professores de ensino básico e também do ensino médio, durante todo andamento da pesquisa.

E tentar criar um mecanismo para a melhoria da nossa educação no currículo escolar da nossa comunidade indígena em aproximadamente 12 meses. Esperamos encontrar vários fatores linguísticos da língua terena entre as diferentes comunidades que analisaremos os fenômenos sociais, históricos que levaram as transformações linguísticas e aos usos excessivos da língua de prestígio, o português, sobretudo no ambiente das aldeias e o que pode ser feitos para que a língua materna volte ao seu lugar de prestígio na escolha dos falantes da etnia terena.

### **LINGUISTIC ATTITUDES IN LAGOINHA VILLAGE: KEEPING OR ERASING LANGUAGE TERENA**

**Abstract** - We performed this study a reflection on Linguistic Attitudes in Pond Village: keep or delete the Terena language. The phenomenon is causing a strong concern for the Terena nation, because the language is in danger of extinction, over time, undergoes a process of linguistic, geographical and social variations. And the point of being out of use by speakers of the language themselves, and increasingly, grows the chance of being forgotten by the younger generations. The major cause of this is the Terena language be considered a minority language, discredited by Terena themselves. Thus, Terena and Terena consider non-linguistic variations or regional dialects of lesser prestige as inferior or wrong. And we need each rid of the myth that says that the Portuguese language is correct and invariable, and the others are just accidents. This work is not meant to end here, but serve as a contribution to new research.

**Keywords:** Linguistic Attitudes, deletion, change, Terena language.

### **Referências**

DORIAN, Nancy C. western language ideologies and small-language prospects. In: GRENOBLE, Leonore A.; WHALEY Lindsay J. (eds) **Endangered Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GROSJEAN, François. *Lige with two languages; na intriduction to bilingualism*. Harvard: Harvard University Press. 1982.

MARCIA, Mariana de Souza. **Uma análise tipológica sociolinguística na comunidade indígena Terena de Ipegue: extinção e resistência**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

NINCAO, O. S. “Kóho Yoko Hovôvo/ O Tuiuiú e o Sapo”. **Identidade bilinguagem e política linguística na formação continuada de professores Terena**. Campinas, SP: Instituto de Estudo da Linguagem. Tese de Doutorado, 2008.

OLIVEIRA, Roberto C. O. **Do índio ao Bugre: o processo de assimilação dos terena**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas indígenas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 2002.

Recebido em: 4 de maio de 2019

Aprovado em: 20 de junho de 2019